

O Progresso Catholico

... sequor autem, si quo modo
comprehendam ...

AD PHILIP. 3. 12.

RELIGIÃO E SCIENCIA
LITTERATURA E ARTES

... ad ea quae sunt priora extendens meipsum
ad destinatum persequor, ad bravium
(triumphi Ecclesiae)... in Christo Jesu.

id. 13, 14.

SUMMARIO: — A UNIÃO DOS CATHOLICOS PELA ORAÇÃO.—SECCÃO RELIGIOSA: Circular, por D. Antonio de Almeida; Missões protestantes nos nossos dominios de Africa, pelo Reitor, José Victorino Pinto de Carvalho; Reflexões moraes acerca do seculo actual, por J. Eduardo.—SECCÃO HISTORICA: A igreja de Braga, II, pelo padre João Vieira Neves Castro da Cruz.—SECCÃO CRITICA: Historia da minha traducção e a oritioa do sr. Padre Chrispim, pelo Padre Valente; Coisas! Coisas!, por um leitor de gazetas.—SECCÃO LITTERARIA: A minha mãe, poesia, por E. E. P.; Gracia, ou a christã do Japão, versão do Padre Lima.—SECCÃO ILUSTRADA: D. Fr. Bartholomeu dos Martyres, pelo P.º J. V. Neves C. da Cruz; O Infante D. Henrique, por R.—SECCÃO BIBLIOGRAPHICA, por A. de Guim.—RE-TROSPECTO DA QUINZEANA, por J. de Freitas.



D. FR. BARTHOLOMEU DOS MARTYRES

Associação e obra pia de desaggravo e expiação, de que ha a esperar grandes vantagens, assim para gloria de Deus, como para o bem das almas, nos tempos calamitosos, que vamos atravessando.

Hoje, o odio contra tudo quanto diz respeito à virtude e à religião tem-se desmandado tão audazmente, que nada menos pertendem os impios do que expulsar da sociedade e da familia o seu unico Senhor e Mestre, que é Deus. E não só isto: a cada passo se observa como o Filho de Deus, Jesus Christo, Rei dos reis e Senhor dos senhores, é despojado de seus vestidos, como no Pretorio e no Cal-

GUIMARÃES 30 DE DEZEMBRO DE 1883

A união dos catholicos pela oração

TORNANDO publico o seguinte documento, temos a certeza de praticar um acto de caridade, pois que concordamos para a união dos fieis pela oração, meio o mais a proposito, se nos não enganamos, para a regeneração da humanidade, e muito principalmente dos catholicos, uma parte dos quaes, a maior, talvez, infelizmente, olham com indifferença para as cousas religiosas, rindo até das pessoas que frequentam a casa do Senhor.

Uma vez unidos todos os filhos da Santa Igreja em um mesmo pensamento, ajoelhados aos milhares à mesma

hora em diversas localidades para alvario, é exposto a todos os insultos e afrontas nas ruas de Jerusalem, como nós faz sobre nossas pessoas cahir por se fosse o mais desprezível dos homens: essas occasiões, que de beneficios espirituales, e mesmo materiaes d'ahi não resultam!

Unamo-nos, pois, segundo as indicações que se seguem:

INVICTO SACRO

Raphael Monaco Lavalletta, Cardeal Presbytero da Santa Igreja Romana, do titulo da Santa Cruz de Jerusalem, Vigario geral de Sua Santidade, Juiz ordinario da Curia Romana e de seu districto, Abbade commendatario de Subiaco.

Acha-se estabelecida em Roma, sob o titulo de Adoração em desaggravo a Jesus Christo pelas nações catholicas, uma

vario, é exposto a todos os insultos e afrontas nas ruas de Jerusalem, como nós faz sobre nossas pessoas cahir por se fosse o mais desprezível dos homens:

(Nós o vimos despresado e ultimo entre os homens. Is. cap. 53, v. 2)

N'estas circumstancias, torna-se absolutamente necessario, que os christãos de fé viva e convicções robustas, amando a Deus, como Elle merece, o desaggravem, quanto lhes fór possivel, de tão graves e tão escandalosas villanias. Roguemos a Deus que inflamme os corações de todos os catholicos, para que este desaggravo e expiação venham a ser universaes. E, sem duvida, foi com estas vistas que o Soberano Pontifice Clemente VIII instituiu em Roma, no anno de 1592, a Oração das Quarenta horas.

Bem claramente se vê da Bulla da mesma instituição, na qual o Summo Pontifice deseja que os Fieis, reunidos nas egrejas em que houver exposição

solemne do Santissimo Sacramento, tomem por alvo em suas orações, não só o bem estar do povo romano, mas também o de todas as nações catholicas, procurando por este modo abrandar a justiça divina, e livrar a christandade das grandes calamidades publicas e prolongadas, que, de dia para dia, a iam aggravando por causa dos peccados dos homens.

E hoje que a Igreja catholica está gemendo em tempos mais desastrosos, que os do fim do seculo XVI, é, com o mesmo intuito, que muito se desejaria ver em toda a parte da terra, a concorrência dos fleis aos templos e n'elles realisada a oração em desagravo, como ha tres seculos se pratica em Roma sem interrupção; e ver também crescer o fervor em frequental-a, assim da parte dos romanos, como de todos aquelles, que a Roma concorrem, embora de passagem.

E, para levar a effeito esta piedosa pratica, Sua Santidade, o Papa Leão XIII, fundou, abençoou e enriqueceu de muitas indulgencias a referida Associação de Adoração em desagravo a Jesus Christo, pelas nações catholicas, representadas em Roma, em todas as igrejas, onde houver a festividade das Quarenta horas.

Esta Associação tem em mira unir nas supplicas a Deus, durante o exercicio das Quarenta horas, os romanos e os catholicos estrangeiros, que se encontrarem em Roma, a fim de que todas as principaes nações do mundo, venham reunir-se junto do throno Eucharistico em Roma, para desaggravarem a honra de Deus, ultrajado pelos peccados dos homens.

Propõe-se, ainda, unir em espirito aquelles que, em Roma, com este fim, dirigem a Deus as suas supplicas, todos os catholicos, que se reunirem nas igrejas dos seus respectivos paizes, e n'ellas fizerem oração ao Santissimo Sacramento á mesma hora, que a fazem em Roma os representantes da mesma nação.

Por este modo, o desagravo se tornará o mais universal, que é possível.

Os catholicos de todos os paizes podem entrar n'esta Associação, determinando-se a ter cada semana meia hora de adoração, pouco mais ou menos, diante do Santissimo Sacramento á hora, que precede a Ave Maria: para Roma, onde se faz a exposição solemne, em fórma das Quarenta horas, e fóra de Roma em toda a igreja, onde houver o Santissimo Sacramento.

Cada nação tem seu dia designado.

Domingo—Para a Inglaterra, Irlanda, Polonia e Noruega.

Segunda feira—Austria, Hungria, Alemanha e Gratz.

Terça feira—Italia.

Quarta feira—Portugal e America do Norte.

Quinta feira—França, America do Sul.

Sexta feira—Suissa, e todos os Paizes de Missões catholicas.

Sabbado—Hespanha, Belgica e Hollanda.

Os romanos e os italianos, que se acharem em Roma, podem escolher outro dia, que não fôr o designado; podem, além d'isto, assim como os estrangeiros de outras nações, em Roma, escolher outra hora, que não fôr a marcada, segundo acima; comtudo são exhortados a preferir as horas, em que as igrejas das Quarenta horas são menos frequentadas, isto é, por occasião do meio dia, e ás horas da tarde.

Aquelles que se associarem a esta obra piedosa, todas as vezes que fizerem a adoração com as disposições necessarias, como o fim no tempo e lugar, que acima ficam referidas, em virtude do Breve Pontificio: *Huc in adversitate temporum*, datado de 6 de março do corrente anno podem lucrar as seguintes indulgencias:

Os que estão fóra, em cada um dos dias, em que visitarem por espaço de meia hora, pouco mais ou menos, uma igreja em que estiver o Santissimo Sacramento, lucrarão as mesmas indulgencias, que, se visitassem as igrejas das Quarenta horas:

Os que estão em Roma, além das mesmas indulgencias, ganharão indulgencias plenarias, uma vez por mez, no dia, á sua escolha, se, arrependidos de suas culpas, recorrerem aos Sacramentos da Confissão e Communhão e visitarem as igrejas das Quarenta horas durante meia hora, no dia prescripto á sua nação; ou, se sobrevier impedimento legitimo, em qualquer outro dia da semana.

Oh! quanto é profunda a nossa consolação, e quanto Deus se apraz de nossa oração feita em commum perante Jesus Christo, no Santissimo Sacramento da Eucharistia para desaffrontal-o de tantos peccados contra Elle commettidos!

As orações dos fleis tem um valor tão grande na presença de Deus em virtude das promessas divinas, as mais expressivas que S. João Chrysostomo não duvida exclaimar, dizendo: sobre a terra não ha homem mais poderoso do que o que faz oração.

E, quando esta é feita em commum, sobe de efficacia: porquanto tem a seu favor a promessa infallivel de Jesus Christo:

«*Eu vos digo, que se dois de vós se unirem entre si sobre a terra, tudo quanto pedirem alcançaráo de meu eterno Pae, que está nos céos.*»

E Nosso Senhor dá a razão, dizendo: «*onde se encontrarem dois outros congregados em meu nome, ahí estou eu no meio d'elles.*»

(Math. XIII, 19, 20.)

Ora, Jesus Christo está, verdadeira, real e substancialmente presente no Santissimo Sacramento da Eucharistia. Hostia viva para dar gloria a seu Eterno Pae, para consolar todos os seus ainda n'este mundo e para interceder a favor dos peccadores, por seus merecimentos infinitos e misericordia inesgotavel.

Elle está exposto sobre os altares, está occulto nos Sacrarios, como em outras tantas prisões de amor, como diz S. Alfonso de Ligor, para se fazer encontrar por quem quer que seja que o procure, e para inflamar com o seu amor o coração de todos os homens.

Portanto, a oração feita perante Jesus Christo Sacramentado, e em união com Elle, quando é feita com a intenção de lhe pedir o seu amor, de o desaggravar dos ultrages e despresos que, a cada passo, está recebendo dos homens, em consequencia da indifferença e tibieza de um grande numero d'elles; esta oração corresponde ao desejo e ás intenções plenas do amor, que levou a occultar-se sob as especies de pão o Creador do céo e da terra.

A vós, pois, romanos e habitantes de Roma, para dar esta alegria ao Coração Santissimo de Jesus Christo, e bom exemplo também a vossos proximos entrando na Associação de adoração em desagravo pelas nações catholicas e frequentando, segundo as regras por ella dadas, as igrejas em que houver exposição solemne do Santissimo Sacramento, sob a fórma das Quarenta horas.

E, quando estiverdes prostrados diante do Filho de Deus, não deixeis de pedir, para vós, para todos, e especialmente para os peccadores, a intercessão de sua Mãe, e também nossa, a Santissima Virgem Maria.

Porque, segundo a maxima de S. Bernardo e de outros santos doutores, Deus quer que todo o bem, que faz, passe pelas mãos da sua Mãe e que, assim como não ha accesso a Deus Pae, senão por seu Filho Jesus Christo mediador da Justiça; assim também não ha accesso ao Filho, se não por sua Mãe, medianeira da graça, a qual, por sua intercessão nos alcança bens, que seu Filho não mereceu para nol-os conferir com superabundancia.

Dada em nossa residencia aos 10 de outubro de 1883.

Augusto Barbietini, Conego secretario.

R. Cardial, Vigario.

Secção Religiosa

CIRCULAR

ENVIU *Don Bosco* «esse homem de um zelo e ardor *à S. Paulo*» uma *Circular* para todos os que julgou poderem auxiliar-o com a sua possível esmola a favor das *Missões* na Patagônia; e aquella *Circular* também chegou a Portugal. Ha tempo que os *Missionarios Salesianos* da fundação do respeitavel Reverendo *Don Bosco* andam pela Patagônia *Missionando*, e já chegaram lá na America a percorrer uma extensão de seiscentas legoas, percorridas.—pregando o Santo Evangelho! assim foram até 20,000 kilometros de distancia da Europa. A Patagônia até ha pouco não estava nas circunstancias em que ultimamente a pôz Sua Santidade *Leão XIII*, dividindo-a em tres *Vicariatos Apostolicos*, e entregando-a *especialmente* para ser *Missionada* ao Instituto *Congregacionista*, fundado por *Don Bosco*, e é por isto que este venerando Sacerdote faz um appello especial a favor de aquella vasta região, onde ha a fundar igrejas, hospitaes, escholas, etc. e a favor do envio para lá dos *Missionarios*, e das *Irmãs de Maria Auxiliadora* que formam a parte femenina do Instituto *Salesiano* do nomeado Fundador. *Don Bosco* pede, pela sua *Circular*, a todos e aceita tudo e assim o óbolo minimo quando mais se não possa, como seria um novello de linhas de Guimarães ou o valor de este. A remessa pelo correio, ou outro meio, é facil, e a direcção, significada a intenção, pôde ser de este modo—ITALIE—Rev. *Don Bosco*—TURIN. Se o espirito catholico se não cança em pedir, também se não fatiga em dar; pois que Deos diz—*Pedil* pois que Deos Homem aceitou o minimo, e se a *Viuva* nem este tivera lhe aceitaria a boa vontade; e foi no espirito de Deos que *Pio IX* aceitou o queijo mandado por uma mulher pobre da Hollanda e com não menos reconhecimento ou com mais se o queijo em vez de ser de leite fóra de ouro!

De mais; a vida Catholica é vida de resolvido sacrificio, e se não fóra sempre assim devia-o ser n'estes dias!

Esta resolução de sacrificio com os factos christamente possiveis e conformes, é a arma poderosa com que deverá ser vencida essa guerra Satanina que é feita contra a Causa da Unica Verdade em Deos mesmo! Bem se pôde dizer entre os catholicos Romanos: *Sine Sacrificio non est glorio!* *Don Bosco* promete suas «orações» e as de muitos milhares dos seus associados *Salesianos* a favor dos seus sollicitados bemfeitores e familias de estes; quer pagar do melhor modo. *Don Bosco* e suas obras partici-

pam ou sam *Prodigio!* e não haverá ainda n'isto Milagre? o homem só por si não é capaz de bem verdadeiro algum pois que a origem de todo o verdadeiro bem é Deos, embora o homem seja Seu instrumento de livre arbitrio para que o homem possa merecer, e o livre arbitrio de *Don Bosco* tem sido o de um Homem apostolico, que servindo a Religião tanto tem verazmente também servido a *Sociedade*, concorrendo para que esta conserve o bom e se cure do máu!

Novembro 29 de 1883.

DOM ANTONIO DE ALMEIDA.

Missões protestantes nos nossos dominios de Africa

I

OVASTO continente africano que, no dizer dos illustres exploradores *Cappello* e *Ivens*, nos ultimos annos tem absorvido as attentões da Europa culta, tornou-se agora, em vista da multiplicidade de problemas, que n'elle se agitam, o grande campo de trabalho de quantos se interessam pelo desenvolvimento da sciencia e pela felicidade de seus semelliantes.

E eu acrescentarei que é também, apesar das espessas trevas, que envolvem ainda grande parte de seus sertões, a joia cubigada pelas nações da Europa, que para lá enviam seus exploradores, e procuram, principalmente a França e a Inglaterra, accentuar allí a sua influencia.

Os vastos territorios, que ainda possuímos na costa oriental do continente negro, são o ponto de mira, para onde a Inglaterra, senhora do Cabo, da colônia do Natal, Zululandia e dominando mais ou menos no Transwal, se esforça por alargar a zona de seus dominios.

Para conseguir estes intentos, vae enviando seus missionarios protestantes, a fim de que, preparado o terreno, mais facil lhe seja depois a occupação.

O jornal de Quilimane, o *Africano*, denunciou ha tempos a existencia de missionarios protestantes nas nossas possessões de Moçambique.

Por essa occasião analysei o referido artigo, escrevendo sobre o assumpto algumas considerações, que vou reproduzir, modificadas apenas em pontos accidentaes, visto essa questão parecer chamar agora a attentão dos poderes publicos.

Com effeito noticias de Moçambique, recebidas nos ultimos mezes, dizem que o governador de Quilimane officiará ao governador geral da provincia, pedindo

providencias contra as missões protestantes.

Soube-se isto no continente no mez de Julho do corrente anno; mas até agora não se sabe que providencias hajam tomado.

O territorio onde se estabeleceram, é a região do Chire, rio que desagua no Zambeze.

II

São passados tres annos, depois que o *Africano*, advogando uma tolerancia mal intendida e perniciosa aos interesses da patria, levantou com tudo a voz contra as ditas missões; e só agora é que os poderes publicos se preparam, segundo parece, para prestar alguma attentão ao assumpto. Já não é cedo; mas antes tarde que nunca!...

Dizia pois o referido jornal:

«Não devemos pôr obstaculos ao accesso nas vastissimas regiões, que possuímos na costa occidental e oriental de Africa, áquelles que se dedicam a propagação do Evangelho, a diffundir a luz por esses mundos de trevas, que encobrem os povos, que as habitam.»

Não devemos, distingo: se esses obreiros do Evangelho pregarem a verdadeira crença catholica, que é a religião do Estado, fazendo assim amado e respeitado o nome portuguez, concedo: se pregarem o protestantismo, preparando a preponderancia ingleza nas nossas possessões, que a Inglaterra tanto cubiça, nego.

A Inglaterra não é padroira dos nossos territorios, não pode pois mandar para lá missionarios, nem o governo portuguez devia consentir em tal invasão politico-religiosa-protestante.

Nem a lei fundamental do Estado, nem os interesses politicos da nação, presciudando mesmo dos religiosos, que os nossos governantes tanto descuam, consentem que em possessões portuguezas penetrem missionarios protestantes.

E' sabido que é por meio das missões, que a Inglaterra procura estender sua influencia nos paizes, sobre que lança avidas vistas. Os povos educados por missionarios inglezes, não terão repugnancia alguma em aceitar a Inglaterra por senhora, quando chegar a occasião de ella pôr em execução seus planos ambiciosos.

E' claro para todos que seguem com attentão os successos, que se tem dado no mundo, que a soberba Albion tem em vista fundar um imperio ao sul da Africa, que substitua o imperio da India, que cedo ou tarde perderá: suas aventuras guerreiras no Transwal e no paiz dos Zulos são d'isso indicio certo. Não devemos pois admirar-nos de que se empenhe em engrandecer suas possessões actuaes, á custa da nossa provincia de Moçambique.

Mas os nossos governantes estam cegos; não veem nada disto. Não querem frades missionarios, ainda que se percam as colonias. Patriotismo até aqui!

Se por essas longiquas regiões andassem os nossos missionarios, de certo que os protestantes se não iriam lá estabelecer. Assim veem um terreno abandonado, vão-se apropriando d'elle com a mão do gato... Fazem muito bem...

Atribuem-se ao rei dos zulos as seguintes palavras propheticas, quando os missionarios inglezes quizeram estabelecer-se nos seus estados: «Primeiro vir missionario, depois consul e por fim exercito.»

E' o que principia a realisar-se nos nossos dominios!

Continua o *Africano*:

«A todos sem excepção, que podem agremiar para a vida do trabalho, da civilização e da emancipação, os desgraçados que jazem incultos nas selvas, nas planicies d'Africa, está franca a entrada n'este paiz; que portuguezes não sabem esquecer as santas leis da moral e da religião, os deveres da boa hospitalidade.»

Pois não devia haver tal franqueza. Esses povos devem ser civilizados, mas não por missionarios protestantes. A obrigação do governo é mandar missionarios catholicos, que os instruem na verdadeira religião, e lhes inspirem o amor ao paiz, a que pertencem.

Receber no proprio paiz quem vem fazer propaganda anti-catholica e antinacional, não é exercer a hospitalidade — é commetter uma imprudencia; é recolher no seio a hydra que, mais cedo ou mais tarde, dará a morte ao incauto bemfeitor.

(*Continúa*).

O Reitor de Mancellos,

JOSÉ VICTORINO PINTO DE CARVALHO.

REFLEXÕES MORAES

A DESCRENÇA DO SEculo ACTUAL

Onde a religião falla, a razão só tem direito de obedecer.
(*Bastou.*)

II

PROSIGAMOS—E não se pense que vamos fallar de perturbações politicas nem guerreiras.

A Europa, de sobejo o sabemos, mais de uma vez n'estes ultimos annos tem ouvido o terrífico troar das batalhas; hoje mesmo, surda inquietação está agitando os espiritos; os povos armam-se e preparam-se, como para lutas gigantes sobre seus interesses politicos, questões de nacionalidades, d'equilibrios ou de fronteiras.

Tambem não nos occuparemos d'essa

triste e embrutecida escravidão—olhando para os ferros que tem algemado tantas gerações e pensintido que no futuro hão de existir dias de liberdade para tantos povos, que tem soffrido seculos d'escravidão?

Nem da polygamia, monstro informe, ante o qual se curvou Mafoma, para que a sua lei fosse seguida.

Mas nas mesmas planicies cobertas eternamente de uma vegetação pomposa ali observamos o pobre lavrador encostado à charrua falto de recursos e acobrunhado com tributos suspirando pelo viver faustoso das cidades de que tantas vezes, ouve brilhantes descripções.

O pastor que sobre essas montanhas oul'ora estereis, hoje fecundas, guarda os rebanhos d'aldêa, sentado na pedra engastada na fresca e verdejante relva, tambem olha para as cidades que descobre no horisonte, desejoso d'ir viver dentro dos seus muros — Para lá multidão de viajantes se atropelam, levados pelo vapor ou pelo ar atmosphérico radiantes d'alegria; porém no seu regresso poucos são os que em seus rostos não apresentam vestigios de soffrimento, indícios de descontentamento!!

Porque? a essas cidades—grandes centros—acorrentados pelo movimento rapido do seu viver apenas a noite suspende sobre o seu sólo seu manto estrellado, para já a luz do gaz as allumia, e para logo as saturnaes e as orgias principiam: logo que a prostituição coroada com o escuro cypreste dos tumulos, ensopada nas lagrimas da innocencia, sentada em seu throno de cadaveres, envolta nas mortalhas dilaceradas dos finados, levantando descarnado braço com sua mão mirrada e macilenta, dêa signal geral... de começarem os banquetes dos seus adeptos e os horrores mais mysteriosos das profundas cavernas do Vicio...

Por outro lado as industrias é verdade estão em movimento, mas odeiam-se como rivaes, esquecendo-se que são irmãs, machinam umas contra outras planos de ruina, sem pensarem que, só a união lhe pôde dar forças para subsistirem e concluir a obra maravilhosa da civilização verdadeira que é a moralidade dos povos por meio da doutrina christã ensinada pela Igreja Catholica Apostolica Romana etc.

Mas que se nota mais por toda a parte dentro das nações, por esses logarejos mais sertanejos até — senão centenaes de ataques, mil vezes repetidos, e outras tantas renovados, reproduzidos de baixo de formas diversas e com novos azedumes, contra todos os pontos da doutrina christã com tanta impiedade que excede a do seculo XVIII.

As proprias verdades naturaes, as verdades primordiales, sobre que assentam as sociedades humanas, são negadas e audaciosamente discutidas; a sciencia

tambem tem suas heresias; ha scisma entre os philosophos; e a razão soffre os ataques que pareciam reservados à fé.

Examine-se qual é o estudo das intelligencias. Para onde se encaminham as philosophias separadas e oppostas? Ha tres seculos que a Allemanha—hoje theatro de furiosos debates e de profundos abalos — viu surgir espiritos violentos, os quaes sacudindo o benefico jugo da fé, e deixando-se ir após todas as temeridades e loucuras do pensamento, apresentam ao mundo com inaudita audacia todos os antigos erros, — o pantheismo, o atheismo, o scepticismo e na propria religião as chimeras mais contraditorias d'uma exegese. E hoje que é que vemos? As crenças religiosas atacadas de frente, a dissolução de todas as crenças, mesmo as philosophicas, o anniquilamento de todas as verdades racionais, e as usurpações finalmente, d'uma pretendida sciencia ébria de si mesma, que, renegando a razão, pretende em nome do atheismo e do materialismo, despojar o homem da crença, da immortalidade da alma, e da fé em Deus.

(*Continúa*).

J. EDUARDO.

Secção Historica

A EGREJA DE BRAGA

II

DEPOIS de S. Pedro de Rates que foi como a pedra fundamental da Igreja de Braga, a Roma portugueza, temos os seguintes Prelados que são venerados como santos, e de muitos dos quaes se resa no breviario bracharense:

S. Basileu que primeiramente foi Bispo do Porto, e, passando à cidade de Braga, morreu martyr. Crê-se com bons fundamentos que este Prelado é aquelle pobre aleijado, a quem S. Pedro Apostolo deu saude, junto à porta especiosa do templo de Jerusalem. Foi baptisado por S. Thiago que o trouxe em sua companhia, quando veiu apostolisar a Hespanha.

S. Silvestre que, segundo o auctor do *Agiologio Lusitano* e o breviario bracharense, tambem derramou o seu sangue por Jesus Christo. Graves auctores allirmam que S. Silvestre nascera na cidade de Braga.

Santo Ovidio, o qual se ignora se morreu com a laureola de martyr, se com a de confessor. Foi este Prelado que baptisou as nove irmãs martyres bracharenses, das quaes a principal e mais conhecida, Santa Quiteria, foi martyrisada no alto do monte Pombeiro, hoje freguezia de Margaride, junto à villa de Felgueiras, onde é venerada pelos devotos que alli concorrem em grande numero.

São também commemorados os seguintes: S. Polycarpo; S. Sereniano; S. Fabiano ou Flaviano; S. Felix; S. Secundino; S. Caledonio; S. Narciso; S. Salomão; S. Leoncio; Santo Apollonio; S. Paterno; S. Profuturo I; Santo Ausberto ou Auberto; Santo Eleutherio; S. Martinho de Dume; S. Denigno; S. Toloben ou Toben; S. Pedro Juliano; O beato Potamio, penitente; S. Fructuoso; S. Quirino; S. Leodisio Julião; S. Faustino; S. Torquato Felix, cujo corpo incorrupto se guarda na egreja do mesmo nome, junto a Guimarães; S. Victor; Santo Heronio; Santo Archarico; Santo Argimiro; Santo Odoario; S. Gonçalo; S. Julião; S. Geraldo e o beato Godinho.

S. Geraldo foi um dos mais famosos Prelados de Braga entre os que são mais conhecidos: foi o que baptizou o nosso primeiro rei D. Alfonso Henriques, em Guimarães, com a agua da fonte de S. Torquato.

Depois d'elle devem mencionar-se com especialidade S. Martinho de Dume e S. Fructuoso.

O beato Godinho que nomeamos acima, e que viveu no fim do reinado de D. Alfonso I, fecha a serie dos Prelados venerados como santos.

Notaremos, contudo, que, havendo até esse tempo *setenta e sete* Prelados na diocese de Braga, é provavel que muitos d'elles, a maior parte talvez, se distinguissem por suas eximias virtudes, pois para esta mitra foram sempre escolhidos os mais conspicuos varões.

E' raro ali encontrar-se um mau Pastor, no sentido rigoroso da palavra. Mas nós só fallamos dos mais conhecidos.

Entre os Prelados veneraveis e eminentes em virtudes, que deixaram nome na Egreja de Braga, são notaveis os seguintes:

Melito; Ilacio; Lucrecio; Heros; Anião; D. Paio Mendes; D. João Peculiar; D. Martinho Peres; D. Estevão Suares da Silva; D. Silvestre Godinho; D. Pedro II; D. João II; D. frei Tello; D. Martinho de Oliveira; D. Gonçalo Pereira; D. João Cordolaco; D. Lourenço Vicente, cujo corpo existe incorrupto na cathedral de Braga.

Temos mais: D. Fernando da Guerra; D. Luiz Pires; o cardeal D. Jorge da Costa; D. Diogo de Souza, um dos mais benemeritos arcebispos, e a quem Braga deve a melhor parte do seu desenvolvimento material; o cardeal D. Henrique, que também foi Arcebispo de Evora e de Lisboa, e depois rei de Portugal; D. frei Diogo da Silva; D. frei Balthasar Limpo; D. frei Bartholomeu dos Martyres, que tanto se distinguiu no concilio de Trento, e tem nome immortal em toda a christandade; D. frei Agostinho de Castro e D. frei Aleixo de Menezes, primeiramente Arcebispo de Goa.

Os tumulos d'estes dous ultimos Pre-

lados estão na egreja do Populo, fundação do primeiro. Ambos foram varões dignissimos e respeitaveis.

Mal pensaria D. frei Agostinho que o seu convento seria um dia destinado para quartel de tropas!

Ainda não terminamos a lista dos grandes Prelados bracharenses. Resta mencionar: D. Rodrigo da Cunha; o cardeal D. Verissimo de Lencastre; D. Luiz de Sousa; D. João de Sousa; D. Rodrigo de Moura Telles; D. José de Bragança e D. Gaspar de Bragança, filhos bastardos reconhecidos, o primeiro de D. Pedro II, e o segundo de D. João V, D. frei Caeetano Brandão; D. frei Miguel da Madre de Deus e o cardeal D. Pedro Paulo de Figueiredo da Cunha e Mello, fallecido em 31 de dezembro de 1855.

De todos estes Prelados existem os retratos no paço archiepiscopal de Braga.

Passaremos em silencio os ultimos Arcebispos que succederam na cadeira primacial das Hespanhas ao cardeal Figueiredo, incluindo o actual, o Ex.^{mo} Sr. D. Antonio José de Freitas Honorato, que desde 25 de outubro do corrente anno governa a Egreja de Braga: a posteridade fará justiça ás suas relevantes qualidades.

Apenas diremos que o Sr. D. Antonio, primeiro do nome, é um dignissimo successor de tantos e tão illustrados e santos Pastores que teem, em diversos tempos, nobilitado a mitra bracharense. Ora, se o nosso Camões cantou no seu immortal poema

As armas e os varões assignalados,
Que da occidental praia lusitana,
Por mares nunca de antes navegados
Passaram inda alem da Taprobana,
Em perigos e guerras esforçados,
Mais do que prometia a força humana,
Entre gente remota edificaram
Novo reino que tanto sublimaram.

não serão mais dignos de menção os que por obras de virtude e santidade immortalisaram o seu nome, e são por isso celebrados nos fastos da Egreja?

Todos os Prelados referidos illustraram a cadeira primacial de Braga, e foram o ornamento do episcopado portuguez: teem portanto direito á sua celebração.

Não só

..... as memorias gloriosas
D'aquelles reis que foram dilatando
A Fé e o Imperio, e as terras viciosas
De Africa e de Asia andaram devastando.

merecem ser cantadas e transmittidas á posteridade; mas também as memorias dos varões conspicuos em santidade que ennobreceram o nosso reino, dilatando a fé christã e o imperio portuguez, santificando-se a si e ao proximo.

P.º João Vieira Neves Castro da Cruz.

Secção Critica

Historia da minha traducção e a critica do sr. Padre Chrispim

I

PELOS annos de 1877 a 1878 empreendi fazer a traducção para vernaculo das «Breves e familiares Instrucções sobre o Symbolo», de Lambert; não que em mim houvessem as forças precisas para o cabal desempenho de tarefa tão ardua; mas por entender que mesmo com o pouco, que Deus me deu, deveria contribuir para o bem da sociedade e da Egreja: não que me estimulasse o desejo de fazer conhecido no mundo literario o meu obscuro nome, pois bem sei que uma traducção, e até mesmo ás vezes um original, a ninguem dá direito para isso; mas por chegar a convencer-me de que a doutrina da obra, posta ao alcance de todos, viria a ser-lhes muito proveitosa. Esmim, a maior gloria de Deus e o bem das almas foi principalmente o que tive em vista n'este trabalho.

II

Feita a traducção, e submittida a doutrina d'ella, como cumpria, ao Em.^{mo} Ordinario da diocese do Porto, á qual pertencio, fui por o mesmo auctorisado a publicar a em sua veneranda Portaria de 29 d'Agosto de 1878. Cumprida esta formalidade, restava-me contractar uma imprensa para a edição da obra. Como, porém, no Porto, aonde gostava que ella fosse editada, não conhecia a nenhum dos senhores livreiros editores, informei-me a esse respeito com um collega e patricio meu, que logo me disse que conhecia alli dois, qual d'elles mais competente e mais probo. Referia-se aos snrs. Manuel Malheiro e Benjamin Sampaio.

Em vista d'esta boa informação, que me animou um pouco, combinamos a ir ao Porto. Chegados que alli fomos, dirigimo-nos logo á livraria do segundo cavalheiro: cuja prohibidade, garantida pelo meu collega, não consentiu que d'alli saíssemos. Não tractamos: deixamos tudo ao seu arbitrio, auctorisando-o verbalmente a tractar tudo como coisa sua. Creio que não podia ir mais longe a nossa generosidade.

III

Passado algum tempo, dá-se-me conta do tractado, feito com a imprensa, o qual eu não impugnei nem sequer n'uma virgula! nem achei caro, nem achei barato, porque não entrava n'aquillo por especulação. As minhas vistas eram mais elevadas, e só de Deus conhecidas. Começam a serem-me remetidas as provas:

vem-me a primeira folha d'ellas, e juntamente a exigencia do pagamento de 3 em 3 folhas—papel e impressão. Dei logo ordens para que se fizessem os pagamentos com a maior regularidade; e, não obstante, a impressão do 1.º volume levou um anno e dois mezes!!

IV

Agora hão de os leitores desejar saber os motivos, porque o snr. Benjamin não editou o 2.º volume. Um fica já sabido,—que foi a demora na edição do 1.º; mas ainda ha, pelo menos, mais dois principaes,—que foram o typo antigo, de que se usou,—e o quasi nenhum escrupulo na composição. O typo é verdade que é claro e legível, mas não offerece nenhum agrado á vista. A composição, pela sua parte, podia ser muito mais correcta; podia fazer-se com muito mais perfeição. Atribuiu-se a final essa falta a eu não saber fazer bem as emendas; mas o 2.º volume encarga-se de desmentir essa imputação. Ora eis o que deu motivo a que o snr. Benjamin não fizesse a edição do 2.º Isto ficam os leitores sabendo; mas o que não sabem, porque eu mesmo não o sei, nem talvez chegarão a saber com certeza, é qual foi a razão da critica do snr. Padre Chrispim Caetano, se a isso que elle disse do livro, se pôde chamar verdadeiramente critica.

(Continúa.)

P.º VALENTE.

COISAS! COISAS!

Aos jornalistas revolucionarios de Portugal, aos ministros de Estado, e com especialidade ao Sr. Dr. Ayres de Gouvêa, offerecemos a seguinte noticia:

O redactor do jornal hespanhol *La Linterna* foi ha pouco condemnado em 250 pesetas (46\$000 réis) custas e mais despezas e 3 annos e 6 mezes de prisão, por haver escripto uma obra na qual ridicularisa Santa Thereza de Jesus.

Bom seria que os nossos estadistas aprendessem com quem pode dar lições, já que elles, pela maior parte não as sabem dar nem as tem querido receber até hoje.

Mas sejamos francos, nem todos os magistrados em Portugal seguem as pisadas dos governos, pouco afeitos a cuidar d'estas pequenas cousas, visto acharem-se em tão elevada posição; posição que n'outras éras occupavam unicamente os homens de elevados conhecimentos e não desmentida probidade. A seguinte noticia confirma o que deixamos dito:

«Na freguezia de Malhou, comarca de

Torres Novas, alguns individuos pretenderam perturbar as praticas religiosas, que em louvor do Coração de Jesus ali faziam, aos domingos, o parcho e algumas pessoas devotas. Os taes individuos entraram na egreja com modos de truções, fumando, fazendo vizagens, e até vestindo-se e caracterisando-se como para divertimento de entrudo ou para divertir o publico em pateo de comedias. O digno parcho participou ás auctoridades o seu reprehensivel comportamento dos taes sujeitos. Estes, por vingança e odio pessoal, denunciaram ás auctoridades, que o parcho de Malhou e alguns individuos se haviam constituido em associação, sem que para isso estivessem legalmente auctorisados.

Isto nada valeu aos denunciantes, porque, além de obterem do sr. juiz de Direito, um despacho em que os censurava, foram condemnados a 10 dias de prisão e custas respectivas.»

Foi pouco o que fez o respectivo Juiz de Direito, mas os altos poderes de Estado nem tanto fazem, razão porque as cousas religiosas correm tão descuradas por parte dos governos, como os mesmos negocios do Estado.

Um dia acharão o erro!

Senhores da tolerancia revolucionaria, attendam, que ali vae mais: o Ex.º Sr. Cardeal de Zamora prohibiu a publicação espiritista que, sob a denominação de—*Um periodico mais*, se fazia, com grande escandalo dos fieis, na mesma cidade de Zamora.

Em uma carta pastoral acaba tambem o Ex.º Sr. Bispo de Vich de condemnar e prohibir os periodicos *La Montaña* e *Lo Llobregat*, semanarios catalães que se publicavam em Manreza e Sallent.

E, finalmente, o Ex.º Sr. Bispo de Mallorca prohibiu o diario impio *La Autonomia*, publicado na capital das Baleares.

Vê-se que o caso vae sendo serio, e, como se vae dando tão perto de Portugal e pode, por isso, galgar as fronteiras, sempre era bom, que, em nome da liberdade ameaçada, se estabelecesse um cordão anti-retrogrado.

E' uma lembrança...

E' costume em França, desde os tempos de S. Luiz, antes de se inaugurarem os trabalhos judiciaes de cada anno, a 3 de novembro, assistirem os juizes e mais empregados á missa do Espirito Santo, para que as luzes do céo illuminem as deliberações dos tribunaes. Acontece, porém, que o actual governo, entendendo que isto de missas do Espirito Santo é uma antigualha propria dos tempos em que o *carolismo* dominava no mundo, propoz aos magistrados judiciaes a questão de se deveriam ou não

assistir á missa do Espirito Santo ao inaugurar os seus trabalhos.

Em virtude da circular do ministro reunem-se em Pariz os 38 magistrados que compõem o Supremo Tribunal, e, posta á votação a ordem do governo, foi esta regeitada por 29 membros e aprovada por 9!!

Vê-se d'aqui que a magistratura judicial em França não está eivada ainda da mesma molestia que vae corroendo uma grande parte dos francezes. Ainda bem!

O *Commercio do Porto* na sua secção *Ephemerides historicas*, no dia 11, diz: «394, morre o Papa S. Damaso, depois de 18 annos de pontificado. Foi poeta e litterato. Conta S. Jeronymo que, no tempo do Papa S. Damaso, se realisára em Roma o casamento de um homem, já vinte vezes viuvo, com uma viuva de 21 maridos. Excitava grande curiosidade qual d'estes esposos sobreviveria. Coube a sorte de sobrevivencia ao marido, que assistiu aos funeraes da esposa, havendo aclamações do povo.»

E' um sabio o revisteiro da tal revista! N'um pontificado tão preñhe de acontecimentos, e em 18 annos, não achou mais novidades que dar a seus leitores do que S. Damazo fôra poeta e litterato, e que durante esse tempo se casara em Roma um homem já vinte vezes viuvo! Ora isto, fallando-se de um Papa como S. Damazo e de um Pontificado de 18 annos, é uma noticia de mão cheia, não acham, caros leitores?

Que conhecimentos de historia teem certos escrevinhadores! O que vale é que ninguem os obriga a saber historia; o que sim se lhes exige é que, já que se inmettem a fallar d'ella procurem estudar alguma cousa ou pelo menos perguntar a quem tenha estudado um pouco.

UM LEITOR DE GAZETAS.

Secção Litteraria

A MINHA MÃE

Como flagras de fogo que se attrahem, languidamente os braços despedimos um para o outro;

J. de Deus.

Oh! que attracção tão forte me chama a ti, ó mãe!... Mas ouve-me: se a morte levar-me a mim tambem...

abre-me os braços, como na minha infancia abrias, quando, ao mostrar-me um pomo, de longe me sorrias;

ou quando em meus folgedos, que tu, meu sol, doiravas,

dizendo-me segredos
ao peito me apertavas.

Depois que tu partiste
de Deus á eterna paz,
porque andarei tão triste,
ó mãe não m'o dirás?!
E' que me falta a luz
do sol dos olhos teus!
—Como é pesada a cruz
Longe de tí, meu Deus!—

A cruz como é pesada
a quem no mundo é só!..
mas tu, ó mãe amada,
ólha p'ra mim com dó!

Emquanto aqui viveste
o mundo era-me um céu;
agora, que morreste...
morresse tambem eu!

Morresse, e logo fosse
no céu junctar-me a ti...
Ver esse olhar tão doce
que tantas vezes vi!..

Morresse, ó mãe, e esta alma,
voando, a ti chegasse,
e eu visse ainda a calma
e os risos d'essa face!..

Mas ouve: quando a morte
levar-me a mim tambem,
oh! faz da mesma sorte:
abre-me os braços, mãe.

E. E. P.

GRACIA

ou

A CHRISTÃ DO JAPÃO

(Continuado de pag. 24 do 5.º volume)

CAPITULO IV

O Templo de Buda

Como não ha inconveniente, nem encontro obstaculos em seguir o Snr. Jakuin Tokun, medico de camara, conselheiro privado, favorito do gran Faxiba e inimigo disfarçado mas sigadaldos christãos, subiremos apoz elle os degraus do templo de Buda, e o veremos, logo depois de ter entrado na habitação dos deuses, prostrar-se reverentemente em terra, beijar o sólo, estender os braços e pôr-se suave e pausadamente debruços sobre o pavimento, formado como todo o templo de madeiras preciosissimas.

E em quanto Jakuin permanece em tão incommoda posição, que será longo tempo, vamos nós percorrendo e analysando, para não estarmos ociosos, o espaçoso templo, que era tido lá pelo seculo XVI como uma das maravilhas d'Osaka.

Não penseis, leitores, affeitos a admiração a magestosa elegancia das cathedraes gothicas, encontrar aqui cousa que se lhe assimilhe. Não, nada d'isso: a architectura christã eleva a alma; a pagã, porém, abate-a, conturba-a. Experimentareis ao subir a pequena escadaria, que separa o templo do sólo, uma impressão desagradabilissima, impressão que longe de desaparecer, augmentará á proporção que vos fordes approximando do local dedicado ao Gran Buda.

Um portico amplo e espaçoso leva-nos a outro algum tanto mais estreito, e esta dá entrada e ingresso para o templo, em cuja fachada avultam, ao nivel do sólo, duas estatuas colossaes de seras imaginarias, tendo cabeças de cão, corpos de leão, garras e azas d'aguia. Guardam estes monstros a porta d'entrada, a qual dá ampla passagem para um vasto salão de tecto raso. Nem abobadas, nem arcos, nem ogivas, nem columnas cortam as monotonas linhas do immenso rectangulo, que forma o templo, só uns pequenos biombos, quasi da estatura de um homem, quebram aqui e além o pavimento e formam como tablados ou carpellas pequenas lateraes ante certas e determinadas imagens. Toda a riqueza do edificio consiste principalmente n'estas e nas preciosissimas madeiras de que todo elle é construido. As imagens, ou melhor, os idolos são innumeraveis. Vêm-se alli de todos os tamanhos, desde o d'esses bonecos de barro que se dão ás creanças para entretel-as, até colossos de gigantesca estatura. Mas se a variedade de tamanhos é grande, muitissimo maior é ainda a de typos e côres. Ha alli deuses verdes, amarellos e azues; ha-os animados de expressão colérica, de ira ou de vingança; ha-os de côcaras, ao uso do paiz, em actitude de repouso, ou de pé e com o punho levantado. Ha-os fracos e esqualidos como pobres famintos e obesos e pançudos como gastrónomos repletos. A generalidade tem a figura de homem, mas ha tambem estatuasinhas que representam mulheres, creanças e até animaes reaes ou phantasticos.

Não deve estranhar-nos esta multidão, porque ha seitas no Japão que contam dez mil kamis ou espiritos celestes, e outras, que concedem a simples mortaes as honras da divindade, se á sua morte os consideram dignos d'isso. Será esta uma idea, bem que confusa, da canonisação, que usa a Igreja catholica? Talvez que sim; porque nenhum povo ha, que tenha em suas ceremonias religiosas tantas semelhanças com as catholicas, como o japonês.

Accendem velas e cirios ante suas imagens, levam-nas em procissão de vez em quando, dirigem-lhe preces, fazem peregrinações para visitarem os sanctuarios famosos e usam para rezar d'uma especie de rosario, composto de cento e vinte contas. Mas, como se todas estas

semelhanças exteriores fossem poucas, teem ainda outras na realidade muito mais notaveis. Teem sinos e tocam-nos a certas e determinadas horas do dia, como os christãos; fazem sobre si uma especie de cruz como quando nos benzedemos, com a differença de que em lugar de a fazer recta a fazem transversal; celebram cada anno uma commemoração dos defunctos, teem indulgencias plenarias e parciaes, praticam a confissão oral, fundam congregações ou comunidades religiosas para homens ou mulheres á maneira de conventos, e por ultimo, teem uma jerarchia ecclesiastica, que se assimilha, ainda que muito remotamente, á catholica.

Adoptariam os japonezes o principio d'estes costumes d'alguns christãos, que no tempo dos Apostolos por alli se demoraram, alterando-os e deformando-os com o correr dos annos, ou inspirar-lh'os-hia Satanaz por sua ingenita inclinação a parodiar e ridicularisar tudo quanto a Deus se refere? Não sabemos, nem é esta a occasião opportuna d'averigual-o, pois que nos espera o melhor do templo que vamos descrevendo, a estatua do Gran Buda, colossal figura de bronze, que preside a todas as divindades de menor categoria. A estatua, em que apparece o deus assentado, segundo a tradição india, sobre uma flôr de loto, é imitação e copia d'outra, que existia por aquelles tempos em Meaco, com a differença sômente, que a de Osaka não tinha mais do que trinta pés d'alto, em quanto que a de Meaco contava, segundo dizem, noventa e seis. Como Osaka era mais pequena que Meaco, deprehende-se que não tinha querido gastar tanto bronze como a capital religiosa do Japão: mas em compensação havia empregado magnificos cedros, soberhos dourados e formosissimas pinturas a fresco para aformosear o templo.

Nem uma só, porém, d'estas maravilhas e grandiosidades attrahia a attenção de Jakuin Tokun, que, ou muito acostumado a ellas, ou mui absorto e enlevado na oração devia estar, porque por um bom quarto d'hora não se desviou uma linha da posição, em que se havia collocado, nem moveu pé nem mão.

Passado, porém, este tempo levantou simultaneamente a cabeça e os braços, deixando-se ficar de joelhos, e fez uma após outra sete reverencias á estatua do Gran Buda; depois levantou-se e com andar pausado e com os olhos fitos no chão, como havia entrado, sahio do templo. Este era ladeado por uma especie de palacio ou convento, edificio todo compartilhado n'uma numerosa quantidade de habitações, e no qual, logo á primeira vista, se conhecia reinar a riqueza e o luxo. Jakuin dirigiu-se para elle, e ao chegar á porta, bateu. Um homem de

feições muitissimo parecidas ás de Jakuin, com traje quasi igual ao d'elle, veio abrir-lhe e o cumprimentou com todas as ceremonias, que a exquisita cortezia dos japozezes prescreve e exige.

—Desejo fallar com o gran Tunda, disse Jakuin inclinando-se.

—Sua Santidade o gran Tunda está agora em oração e no silencio, creio todavia, que não terá inconveniente em aceitar-vos a visita.

—Dizei-lhe, que assumptos importantissimos me trazem á sua respeitabilissima presença.

—Tende a bondade d'entrar para a sala das visitas, em quanto eu lhe vou dar parte.

A casa, palacio ou convento, onde Jakuin entrava, era uma honzeria, ou comunidade de bonzos, dedicados ao serviço do templo. O gran Tunda, seu superior ou prelado, era muito conhecido de Jakuin, que antes d'estar ao serviço de Faxiba tinha sido bonzo em outra comunidade parecida. Não estranhou, pois, as ceremonias do porteiro, porque sabia perfeitamente o apparato de que se rodeavam os Tundas, e ainda que interiormente julgou que o sobredito, tanto podia estar meditando as máximas de Fo-Kien, como dormindo a sésa, fingiu acreditar o porteiro.

O Tunda, porém, ou estava muito desoccupado, ou tinha grande interesse em ver Jakuin, porque o porteiro voltou mais depressa do que tinha ido e acompanhou o favorito do Regente até ao aposento do gran sacerdote, que o esperava de pé ao limiar da porta.

Terminadas as ceremonias do estylo, que costumam ser extensas entre pessoas de tanta importancia, como os dous personagens mencionados, entraram n'um espaçoso quarto, cheio de livros e pequenos idolos, que era a sala de recepção do Tunda.

(Continúa.)

VERSÃO DO P.º LIMA.

Secção Illustrada

D. FR. BARTHOLOMEU DOS MARTYRES

Arcebispo de Braga (1)

A HISTORIA d'este horoe é uma das mais celebres: ha n'ella quadros brilhantes que apresentam o typo do religioso perfeito, elevado a uma alta dignidade ecclesiastica.

Este varão respeitavel do seculo XVI, ainda hoje é citado como imagem e

(1) O artigo que hoje publicamos já foi lido n'esta Revista em os n.ºs 18 e 19 do 3.º anno. Como nem todos os actuaes assignantes têm o dito anno, reproduzimos-o ao dar o retrato do grande varão portuguez.

exemplar de prelados santos e zelosos. O nome de D. fr. Bartholomeu dos Martyres é proverbial na Egreja.

A cidade de Lisboa com razão se pôde gloriar de lhe dar o nascimento, Braga de o ter por Pastor, o concilio de Trento de o admirar entre os seus padros, e Roma de o escutar como um oraculo.

Grande honra, certamente, veiu á augusta cidade de Braga, de ver sentado na sua primacial cadeira um varão tão eminente em virtudes, um verdadeiro apostolo, digno successor de tantos esclarecidos prelados, que com sua santidade e sciencia estabeleceram aquella primazia das Hespanhas.

Este insigne varão, no dizer de fr. Luiz da Souza, «foi um arcebispo de tal valor, que não só foi poderoso para reformar a religião descahida, emendar os costumes descompostos do clero e do povo, e reduzir em sua diocese todas as leis divinas á sua antiga pureza, mas ainda na Egreja universal foi de tanto pezo o seu voto e zelo na grande occasião do santo concilio de Trento, que por voz e fama publica se lhe attribuem muitos decretos santos que hoje se gozverná a christandade.»

Na linguagem moderna, D. fr. Bartholomeu foi um reaccionario, um fanatico, um obscurantista, um jesuita! Se elle até foi frade, e honrava-se com o nome de frade!... Não se pôde dizer mais.

Não é possível na breve noticia que da sua vida damos, o desenvolver o grande qualro que offerece á nossa contemplação o venerano prelado de Braga, no seu longo episcopado de vinte e tres annos.

Nasceu em Lisboa, em maio de 1614. Professando a religião de S. Domingos, foi prior do convento de Bemfica, e mestre do infante D. Antonio. Em todos estes cargos proceheu como religioso perfeito, prelado virtuoso e mestre consummado. Governava mais com o exemplo que com a palavra, considerando-se o ultimo dos subditos.

Ao convento concorriam com frequencia os principes, com especialidade o cardeal D. Henrique e o infante D. Luiz, a visitarem e conversarem o santo prior d'aquella casa, pelo gosto que tinham de o tratar.

São mais dous nomes que temos a juntar aos dos fanaticos e jesuitas d'aquella epocha!

No anno de 1558 morreu D. fr. Balthazar Limpo, arcebispo de Braga. A rainha D. Catharina, regente do reino durante a menoridade de seu neto el-rei D. Sebastião, tratou com todo o cuidado de procurar quem o substituisse n'aquella dignidade. Por indicação do veneravel fr. Luiz de Granada, seu confessor e então provincial da ordem dominicana, foi nomeado o prior de Bemfica, fr. Bartholomeu dos Martyres, sujeito

de relevantes qualidades, varão insigne em virtudes e lettras.

Da parte d'este humilde frade se deu bem firme repugnancia: nem as instancias da rainha, nem os rogos de fr. Luiz de Granada o podiam mover a aceitar a mitra: só a força da obediencia, o preceito do superior o convenceu. Aceitou, emfim, derramando lagrimas, e suspirando, como se o levassem a um patibulo.

A partir do dia em que foi elevado a alta hierarchia de primaz das Hespanhas, D. fr. Bartholomeu só viveu para o seu rebanho. No sustento e no vestido não se distinguia d'um religioso, sendo no palacio archiepiscopal o mesmo que na cella do convento. Foi o pae dos pobres, a quem sustentava com largas esmolas. Gastava muito tempo em ouvir, instruir e consolar os que o visitavam, e o resto do tempo o empregava na oração e no estudo.

Com ardente zelo visitou toda a diocese de Braga, fazendo jornadas por montanhas alpestres, para ver pobres egrejas onde arcebispo algum havia entrado. Grandes foram os trabalhos que passou n'esta visitaçào, os quaes elle superou com invencivel animo, reformando costumes, cortando abusos, e obrando maravilhas e prodigios.

Floresciam n'este tempo, na universidade de Coimbra, os padres da Companhia de Jesus, que tinha varões eminentes em todo o genero de sciencias e virtudes. Desejava o santo arcebispo formar clerigos doutos e virtuosos para instruir a sua diocese, e logo se lhe representou que nos jesuitas tinha o que desejava.

Ora vejam que grande fanatico e jesuita não era D. fr. Bartholomeu dos Martyres!!

Tratou, pois, de fundir em Braga o collegio da Companhia de Jesus; e escreveu ao P. Diogo de Saynes, geral da Ordem, uma carta em que lhe dizia: «Recorro aos padres da vossa ordem, tão cheios de zelo e capacidade, para os fazer meus coadjutores no serviço do Senhor, e os mais activos instrumentos da gloria divina n'um paiz, que tem uma necessidade extrema da sua caridade.»

Está dito: D. fr. Bartholomeu era necessariamente um grande jesuita! Que era reaccionario, não tem duvida: chamou os jesuitas para reagirem na sua diocese contra o vicio e o erro, que então não tinha tomado as proporções que apresenta em nossos dias.

(Continúa.)

P.º JOÃO VIEIRA NEVES CASTRO DA CRUZ.

O Infante D. Henrique

(Continuado do n.º 15 do 5.º anno)

III

D. João I abrigava n'alma a idéa grandiosa de armar seus filhos cavalleiros, e havia na mente planejado uma festa esplendida, para que convidasse os mais aguerridos cavalleiros da christandade. E' certo que fizesse saber aos infantes esta idea, para os dispor para as grandes festas do torneio em que destinara dar-lhes as esporas de cavalleiros.

Os jovens principes contavam então, o mais velho, D. Duarte vinte e tres annos; D. Pedro vinte e dois; e D. Henrique apenas vinte. Fervia-lhe nas veias o sangue do vencedor de Aljubarrota e achavam pouco digno d'elles o ser armados cavalleiros em um dia de festas e torneios; um campo de batalha parecia-lhe mais adequado para receberem a espada das mãos do vencedor de Castella. Meditaram.

D. Henrique era o chefe d'este bando de heroes. Um dia, reuniram-se os tres irmãos na camara de El-Rei, e assim lhe fallaram:

«Senhor: á entrada de Africa ergue-se como um insulto aos reis catholicos a cidade de Ceuta, e nós, filhos do Rei de Portugal, achando indigno do nosso nome o alcançar em luctas estereis o grau de cavalleiros, ousamos pedir-vos que nos concedaes licença de ir conquistar esta praça de guerra mourisca e lá, vendida ella, por nós, nos armareis cavalleiros na mesquita da cidade, que transformaremos em cathedral catholica. E' assim que os filhos de D. João I de Portugal se julgam dignos de calçar douradas esporas e cingir a espada que usaram aquelles que em cem combates deram o seu sangue por Deus e pela patria.»

D. João I sorriu, como o pae que se orgulha de ter taes filhos, mas tremia pela temeridade da empreza, e prometeu meditar. Os infantes prostraram-se aos pés da mãe a implorar-lhe intercedesse por elles perante El-Rei, para que a licença de ir á Africa lhe fosse dada, e a mãe, que receava pelos filhos a quem amava, mas que desejava ardentemente vêr a cruz arvorada sobre as mesquitas de Ceuta, prometeu satisfazer aos desejos dos infantes, sem saber como abafar o amor de mãe.

D. João I reunido o conselho dos homens doutos propoz os desejos dos filhos e apresentou tambem a idéa de os acompanhar. Approvada a jornada de Africa onde os infantes iriam colher os primeiros louros, e o Mestre de Aviz juntar aos que já lhe ornamentavam a fronte outros de não somenos valia.

Havia uma difficuldade a vencer, e essa a todos parecia ardua, se não im-

possivel: era o communicar á Rainha o proposito em que estava El-Rei de acompanhar os principes a terras africanas. Era esse o unico passo que faltava dar, e dado elle certo se realisaria a grandiosa empreza.

O Mestre de Aviz conhecia a Rainha, e sabia assaz as armas de que deveria usar para a resolver. Entrou, pois, nos aposentos reservados de D. Filippa de Lancastre e expoz-lhe a firme resolução em que estava de ser o companheiro e guia dos infantes na empreza arriscada da conquista de Ceuta.

D. Filippa guardou silencio até que seu marido concluido teve o seu pequeno discurso, e depois, com voz sumida, e que parecia as lagrimas queriam impedir assim fallou:

Que nossos filhos, mancebos ainda, e que se não acharam no fragor dos combates desejem e peçam para ir em terras de Africa combater por Deus e pela patria, admitte-se, e nem eu, como rainha de Portugal e catholica deveria pear o entusiasmo com que os filhos do Mestre de Aviz anhelam o dia em que possam ganhar o nome de cavalleiros da cruz. Mas vós, senhor, arriscar nos ultimos dias a gloria de tantos annos, e pôr ao dispor da sorte o que Deus em cem combates vos concedeu, parece-me além de temeridade, pouco amor pelos subditos que vos amam e a quem tantas vezes conduzisteis á victoria. Deixar o reino n'estes tempos, sem herdeiro, sem a flor da nobreza, sem o valor dos vossos companheiros de armas, parece-me preparar longas desgraças a estes reinos. Se os principes se perdessem entre os torridos areaes africanos licareis vós, senhor, para os vingar; mas se elles e vós licaes sepultados a sombra do crescente, quem pôde salvar Portugal? Não fallo de mim que sou mulher, e terei sempre na igreja um lugar junto ao altar da Virgem.

O bravo guerreiro, vencedor do poder de Castella, o homem que não conhecia medo, e que com o seu montante nada temia, cahiu de joelhos aos pés de sua mulher bradando:—sois uma santa! E depois continuando:—Filippa, não mais fallarei em acompanhar os infantes e licarei aqui se assim o quereis, mas escutae-me primeiro. Eu não vou a Ceuta como os novos cavalleiros para ganhar nome nem gloria, que nome e gloria, mercê de Deus, eu tenho já; velho me julgo para taes emprezas. Tenho porém as mãos tintas com sangue de christãos e desejava, antes de morrer, lavar-as em sangue de infleis, e resgatar a custa de algum sangue de minhas veias, algumas mesquitas, onde Mahomet se adora, para as consagrar ao culto catholico, e a devoção de Jesus e da Virgem Maria. As minhas victorias tem sido em prol do rei; alcançaremos ainda

algumas para Deus. E' este o voto que fiz; não o cumprirei, porém, se de vossa vontade não fôr.

Parti! Não se diga que uma rainha christã se oppoz á realisação de um grande feito! Parti! e que a cruz substitua o crescente não só em Ceuta mas em todas as terras de Africa!

E cahindo nos braços do esposo, ambos por longo tempo confundiram suas lagrimas.

(Continua).

R.

Secção Bibliographica**OS FRADES****Como a Imprensa recebeu o livro de J. de Lemos**

VI

«Os Frades, defeza, justificação e apologia insuspeitissimas, por J. de Lemos; 2.ª edição; 182 pag.

Agradecemos ao sr. Teixeira de Freitas não só o exemplar d'esta obra com que nos brindou, mas tambem o relevante serviço que prestou a causa dos Ordens religiosos editando um livro que deve fazer calar muitos dos praguentos que para ali vociferam contra uma instituição que tantos serviços prestou ao passado e que outros de maior valor poderia prestar no futuro. O livro é na sua maior parte uma verdadeira collecção de escriptos selectos de homens eminentes nas nossas letras e pertencentes á escola liberal, de cujos bancos saíram os *matadores dos frades* em Portugal. Almeida Garrett, Alexandre Herculano, Antonio Feliciano de Castilho e Pedro Diniz são estes litteratos liberaes. Por isso com muita propriedade o auctor chama ao livro *defeza, justificação e apologia insuspeitissimas*. Se a litteratura d'um povo é, como dizem por ali, a formula escripta d'um povo, e se aquelles quatro litteratos representam a litteratura do seu tempo, facil será concluir que os *matadores dos frades* falsearam as suas idéas, e que mais ajustado lhes licaria o cognome de *espoliadores dos frades*, porque, forçoso é dizel-o, o que principalmente se pretendeu com a extincção das Ordens religiosas entre nós foi a aquisição da rica propriedade, que ellas possuíam, por meio da *desamortisação*, para com ella serem pagos os encargos do thesouro. Tambem a mendicidade pôde ser considerada entre nós uma instituição; tambem ella é considerada pelos philanthropos d'hoje um grande mal e até uma vergonha d'um paiz civilisado. Mas os nossos homens da governança se lembrarão de levantar o cutelo a *matadores de mendigos*. Ganharemos ao visionario que nos contradisser; a rasão é simples: os mendigos não têm rica propriedade

que possa ser *desamortizada*; é necessario dar-lhes pão e trabalho que é cousa mui rara n'estes reinos de Portugal e seus Algarves.

(*Consultor do Clero*, de Braga, de 30 de setembro de 1883.)

O mez de Jesus, ou o mez de janeiro — Com este titulo acabamos de receber um pequeno livro, que em 3.ª edição se fez em Lisboa, e que é uma verdadeira preciosidade, um formoso ramilhete offerecido a Nosso Senhor. E' o mez de janeiro consagrado a Jesus Christo por meio de uma compilação de meditações, orações e exemplos, pelo R.º Padre José de Souza Amado.

N'este seculo de descrença, em meio do vozear infrene das turvas materialistas, nós devemos procurar pela oração aplacar a ira de Deus, e, com o exemplo, ensinar a nossos irmãos o caminho da virtude. Façamos oração sempre que nos seja possível, e preparemo-nos com bons livros, que sejam nossos conselheiros e guias. O livro de que nos occupamos deve ser o companheiro das almas devotas, durante o mez de janeiro.

Custa 300 réis, e é enviado pelo correio a quem o requisitar ao R.º Padre Ezequiel Ferreira de Mattos, rua de Alcantara 34, 2.º—Lisboa.

A Formosura da Alma — Recebemos o 4.º volume d'este romance do popular romancista hespanhol. Já nos havemos occupado d'esta obra importante, por que importante é tudo que sae da penna d'um escriptor que é, sobre tudo, catholico; mas não deixaremos de a recommendar todas as vezes que o tempo nos sobre, porque é nosso desejo ver substituir as más leituras, esses romances ascorosamente immundos, por outros que, como os de Perez Escrich, nos não afastam do caminho da honra e da honestidade.

Fazemos votos porque seja feliz a empreza com esta publicação, e agradecemos os volumes publicados.

A edição é feita pela *Bibliotheca do Cura d'Aldeia*—Porto.

Moral — Recebemos o n.º 67 da *Bibliotheca do Povo e das Escólas*, com o titulo que nos serve de epigraphe. E' edição do snr. David Corazzi, de Lisboa.

Musica sacra — Uma das mais bellas publicações musicas é a que se publicou em Milão (Italia), e que se intitula: *Musica Sacra — Rivista liturgica musicale — Bollettin ufficiale della generale associazione italiana di S. Cecilia*. E' feita esta publicação sob os auspicios do Episcopado italiano, e custa 12 liras por anno, publicando-se todos os mezes um caderno com 8 paginas de texto e varias musicas para órgão e canto. Re-

commendar esta revista musical quando ella por si se recommenda, julgamo-la desnecessario; apenas noticiamos a sua publicação contando fazer um bom serviço concorrendo para que de todos seja conhecida.

O escriptorio da redacção é em Milão, via Santa Sofia n.º 1-5 — Italia.

La Huérfana — E' este o titulo de um formoso romancinho, devido á penna inspiradissima da bem conhecida escriptora Matilde Bourdon, recentemente publicado em Barcelona pela importante casa editorial do snr. D. Miguel Casals.

Para as agruras da vida; para as contrariedades do mundo, acha a gente nas paginas dos livros de Matilde Bourdon o balsamo mais consolador, que uma alma, avida de orvalhos celestes, pôde ambicionar. Ler estes livros, e desejar, ao depor-os, abraçar, beijar a auctora, ou cair-lhe aos pés para lhe agradecer em nome da humanidade os serviços prestados, é tudo quanto nós desejavamos. Porque uma mulher que assim escreve; que tão bem sabe aplicar o antidoto ao veneno que vae, ministrado pela revolução, corroendo a sociedade, deve ser um anjo enviado por Deus á terra. E aos anjos, os nossos abraços, os nossos beijos, todas as nossas homenagens.

Ao editor mil agradecimentos, e ao livro a mais franca recommendação.

Novo Almanak familiar — Eis um almanak que se torna digno do favor publico pela variedade de tabellas indispensaveis que traz em suas paginas, pela sã doutrina que encerra, pois que se sub-intitula *Catholico e litterario*, e ainda pela modicidade do preço. Custa 120 réis, sendo aliás um volume de 180 paginas, bem impresso, etc. etc. etc.

E' seu auctor o snr. Carlos Augusto da Silva Campos, e vende-se na rua do Crucifixo n.º 31, sobre-loja — Lisboa.

Recommendar este almanak quando per toda a parte pululam publicações d'este genero, a mór parte mais ou menos hereticos, ou pouco respeitosos para com as cousas sagradas; recommendal-o, dizemos, é um dever de catholicos e de filhos d'esta terra portugueza que tão mal encaminhada corre, victima das más leituras.

A. DE GUIMARÃES.

OS FRADES

Está no prelo a 3.ª edição, que deve ser posta á venda dentro em breve. Os snrs. assignantes podem ir requisitando os exemplares que desejarem.

Retrospecto da quinzena

Está de luto S. Em.º o Snr. Patriarcha de Lisboa, D. José Sebastião Netto, pelo falle-

cimento de sua estremeida mãe a Ex.ª Sr.ª D. Catharina de Souza Netto.

Dando a S. Em.º os nossos sentidos pezames, pedimos aos leitores uma prece pela alma da virtuosa senhora.

Acha-se restabelecido o Ex.º e R.º Sr. D. Antonio José de Freitas Honorato, Arcebispo de Braga. Os nossos parabens a S. Ex.ª R.ª, e mil graças ao Senhor pelo beneficio concedido a esta Archidocese com as melhoras do seu Prelado.

Aos nossos leitores, correspondentes e collegas desejamos boas e felizes festas natalicias, na graça e paz de Nosso Senhor Jesus Christo, e a todos apeteçemos tambem todas as felicidades temporaes e espirituas durante o novo anno.

O proximo mez de maio será um mez de festa, mais do que o tem sido nos annos anteriores, porque se celebrara o primeiro centenario da sympathica devoção do Mez de Maria. Está provado, pela leitura de um livro publicado pelo R.º Padre Ferrini, que a referida devoção teve principio em maio de 1784, na egreja da Visitação dos Padres Ministros dos enfermos, de Ferrara.

E' de esperar, pois, que os catholicos, e muito especialmente as damas portuguezas se empenhem em celebrar pomposamente o primeiro centenario de uma devoção que, apesar do peso que faz á impiedade, se tem estendido por todo o mundo, fazendo as alegrias dos povos, não só nas cidades e villas, mas mesmo nas aldeias mais afastadas.

Aqui, em Guimarães, esperamos que o centenario do Mez de Maria seja celebrado de modo a provar que a fé mora ainda nos peitos dos vimaranenses, e nas demais terras do paiz, é de crer que aconteça o mesmo.

Nós levantamos já o *alerta!* e se as leitoras do *Progresso Catholico*, espalhadas por todo o territorio portuguez, e que attingem a um numero superior a 500, nos secundarem, preparando já o terreno para as grandes festas que se devem fazer, Portugal terá mais uma occasião de oppôr centenario a centenario, e de se desforrar das pirraças que lhe tem feito os inimigos da Egreja com as suas festas impias e athéas.

Façam-se grandes festas á Virgem no mez que lhe é consagrado, mas festas que sejam um protesto forte, grande, contra os blasphemos, contra os *pandegos* que riem das cousas mais santas.

Ao templo, catholicos, a implorar melhores dias para a Igreja, e cá fóra, pomposas procissões, com a Virgem a caminhar por entre canticos e flores, e que o estampido dos foguetes prove aos nossos inimigos que o catholicismo tem vida ainda, vida para os confundir com festas entusiastas, para os obrigar a fugir diante do esplendor das pompas do seu culto.

Para confirmar o que no seu artigo, publicado no passado numero do *Progresso Catholico*, dissera o nosso collega Elias de Sampaio ácerca de Monsenhor Vanutelli, actual Nuncio de Sua Santidade em Lisboa, transcrevemos o seguinte, que fóra publicado pelo jornal parisiense *L'Univers*:

—A nomeação de Monsenhor Vanutelli para Nuncio em Lisboa é um facto consummado. Monsenhor Vicente Vanutelli, Arcebispo de Sardia, estava desde longo tempo designado para um d'estes grandes postos diplomaticos. Elle era substituto do Secretario d'Estado, quando Pio IX morreu. E ficou n'esta importante função, durante dois ou tres mezes, e ao lado do Cardeal Franchi, por pedido expresso de Leão XIII. Depois foi successivamente nomeado Auditor da Rota para as provincias da Romania, Delegado Apostolico em Constantinopla, aonde prestou os deslumbrantes serviços que se sabe, pondo fim ao scisma dos Kupelianistas e aplanando as difficuldades com a Armenia. Parece que já então fóra designado para uma importante Nunciatura; nomearam-n'o Internuncio para o Brazil, e ia tomar este posto quando foi escolhido para representar o Santo Padre nas festas da coroação do Imperador da Russia. Esta viagem pôz em plena luz as altas qualidades do diplomatico perfeito. Resultaram d'ella as mais importantes vantagens para os catholicos russos. A uma boa graça que ganha todos os corações, uma habilidade consummada, Monsenhor Vanutelli junta uma sciencia profunda e sólida, uma doutrina sagaz, uma energia de vontade, temperada por uma admiravel doçura. Em Lisboa, n'uma posição tão elevada e tão difficil, tantas qualidades superiores terão o seu emprego para o bem da Santa Igreja, ao qual elle tem votado um inextinguível ardor. Elle será pois um digno successor do eminente Prelado, ao qual vem substituir. Monsenhor Aloisi-Masella, Monsenhor Vanutelli, novo ainda, está destinado a prestar á Santa Sé serviços cada vez mais deslumbrantes, e o seu merecimento não é inferior a dignidade alguma.

Só por isto são capazes de nos apontar como miguelistas, e pôr-nos ao peito um laço azul e vermelho! São, que estes amigos da *tolerancia* tem partidas

que fazem rir as pedras! Mas, que fazem? Antes de tudo somos portuguezes, e vendo que se chama a uma portuguezza anjo, não podemos resistir.

O nosso collega da *Cruz e Espada*, de Braga, publicou uma carta, que um amigo lhe enviára ácerca de S. A. a sr.^a D. Aldegundes de Bragança, condessa de Bardi, filha do sr. D. Miguel 1.º (a historia aponta-o como rei de Portugal, por tanto, nada de sustos) e prima em 2.º grau do sr. D. Luiz 1.º, ha pouco chegada a Lisboa, carta a que vamos dar mais publicidade, porque com isso satisfaremos o nosso orgulho de portuguez.

Eis a carta:

«A esposa do Conde de Bardi acaba de chegar a Lisboa. E' uma portuguezza que pousa por momentos a aza de anjo n'esta patria tão sua d'onde tem jazido distanciada. Sabia que a sua educação é apuradissima, que o seu coração é de ouro, que o seu tracto é adoravel, que a sua alma pertence a este rincão da Europa onde nasceu seu Pae. Fui vê-la. Acabo de sair de sua companhia. Quiz apresentar-lhe as minhas homenagens de portuguez. Fez-me sentar a seu lado, conversei por uma hora comigo. Sahi da presença de D. Aldegundes fascinado. Que adoravel creatura! Sarrea Prado, de pé por traz de nós, ouvia a nossa conversação. F. P. estava no corredor quando sahi, e perguntou-me—*como a achou?*—os anjos devem ser assim respondi-lhe, nem concebo que sejam de outro modo.»

Digamos agora a nossos leitores o que motivára a vinda a Portugal da irmã do sr. D. Miguel de Bragança. S. A. o sr. conde de Bardi, marido da illustre princeza, viajando por mar, e achando-se doente desembarcou em Lisboa. A corajosa prima do sr. D. Luiz 1.º desprezando a lei que lhe pede a cabeça e a todos os seus, veio para junto do marido. Dizem os jornaes que o sr. D. Fernando, el-rei D. Luiz e a sr.^a D. Maria Pia mandaram cumprimentar os principes. Não sei se é verdade; se o fizeram, cumpriram o seu dever.

O seguinte facto, que encontramos na excellente revista lisboense *O Novo Mensageiro do Coração de Jesus*, tem uma graça espantosa, muito principalmente narrada em Portugal, n'este paiz que protege ou tolera quanto pôde a propaganda anticatholica. Ora lêa-se, que não é fóra de proposito, o offerecel-a, a noticia, aos nossos governantes. Eis-a:

«Um facto de alto alcance moral acaba de se produzir na Inglaterra. Tres individuos, — o director, o redactor e o editor do *The Freethinker* (o *Livre-pensador*) foram chamados perante os tribunaes por crime de publicação blasphematoria. Eram accusados de ter publicado a 25 do mez passado e fixado nas

vitrinas de varias lojas um papel contendo uma falsa Vida de Christo. Este escripto não era senão uma serie de ultrages ás crencas mais sagradas dos christãos com caricaturas dignas do texto. Havendo o jury emittido um *verdictum* de culpabilidade, os tres auctores d'este ultrage á religião foram condemnados respectivamente a 12—6—e 3 mezes de prisão. Depois d'isto será para admirar ver em Londres a *estatueta* de N. S. Jesus Christo dominar a frontão do novo palacio da Justiça, ao passo que n'outras partes, em Bruxellas por ex., se lhe preferiu a imagem de uma divindade pagã, e em Lisboa no palacio dos municipales a estatueta nua de um malandro?»

Aqui, todos os dias se võem uns certos meliantes, com caras apalermadas, introduzirem-se nas officinas dos operarios, e nas lojas dos negociantes, para impingirem livros contrarios ás nossas crencas. Mas, quantos foram já condemnados pelas auctoridades ou tribunaes do reino fidelissimo?

No proximo anno de 1884 principiarão a vigorar reformas importantissimas nas Rubricas do Officio Divino.

Até agora, quando um Santo de rito inferior occorria no dia de um outro de maior rito, geralmente se transferia, seguindo as rubricas, para um outro dia livre, se o houvesse.

Um novo decreto abole estas Rubricas, e determina que só podem ser transferidas as festas de 1.ª e 2.ª classe, ou as de Duplex Majus, e das de simplesmente Duplex, sómente algumas como as dos Doutores.

Como, porém, em virtude d'esta nova Rubrica, se augmentariam consideravelmente, durante o anno, o numero de dias em que se deveria rezar o Officio da *Feria*, mórmente nas dioceses cujo *Proprio* é pequeno, por um novo decreto *Urbis et Orbis*, de 5 de julho, o Santo Padre concede que, em lugar dos officios das Ferias occorrentes, possam recitar-se officios Votivos de rito *Semi-duplex*, em qualquer tempo do anno, exceptos os dias de quarta feira de Cinza, as Ferias do tempo da Paixão, e de 17 a 24 de dezembro, e também os dias *infra Octavam*, em que se deve rezar da oitava, segundo um outro decreto da S. Congregação dos Ritos, de 13 de agosto.

N'esta conformidade, o Santo Padre determinou que, se a *Feria* occorre na segunda feira, se possa rezar o Officio Votivo dos Anjos; se na terça feira, o Officio Votivo dos apóstolos; se na quarta feira, o Officio Votivo de S. José; se na quinta feira, o Officio Votivo da SS. Eucharistia; se na sexta feira, o Officio Votivo da Paixão de Nosso Senhor Jesus Christo; se no sabbado, o Officio Votivo da Immaculada Conceição. Estes officios Votivos foram *ad hoc* compostos pela S.

Congregação dos Ritos, e já foram approvados, e expedidos a todos os Bispos do orbe catholico. A Sagrada Congregação tem-se visto assoberbada de innumeráveis duvidas que de todas as partes, os kalendaristas lhe apresentam, em virtude d'estas reformas.

Aqui offerecemos mais uma d'essas *tratantadas* que os padres praticam por esse mundo todos os dias.

Muitos jornaes annunciaram ha pouco tempo a morte do parcho de Vaux-Vilaine, o qual, por occasião da ultima guerra Franco-Prussiana, se offereceu aos Prussianos em troca de dois dos seus concidadãos que tinham sido condemnados á morte. Mas nenhum d'esses jornaes referiu as circumstancias que se haviam offerecido. Os dois concidadãos do Parcho eram os irmãos Maillet. Os Prussianos acabavam de entrar em Vaux-Vilaine. Penetraram na casa dos irmãos Maillet e installaram-se alli, pedindo vinho; o festim entre elles começou immediatamente depois. Na sala em que se achavam a beber encontrava-se pendurada uma photographia da mãe dos dois mancebos, a qual havia fallecido seis mezes antes. Um dos Prussianos, que estava mais ebrio do que os outros, levantou-se e bebeu ironicamente á sua hospedeira, apresentando e offerecendo o copo á morta. Quando viram isto, o mais novo dos dois irmãos, que eram Francezes, lançou-se contra o atrevido e soccou-o. Então travou-se uma horrivel lucta, porque se envolveram os Prussianos, e Julio Maillet correu em auxilio de seu irmão. Ambos elles eram robustos e distribuíam pancada a valer: mas de repente appareceu um sargento que fez prender os dois valentes rapazes, os quaes compareceram perante um tribunal de justiça militar, sendo por um processo summario condemnados á morte. O parcho soube d'este negocio. Tinha elle administrado os sacramentos á mãe d'aquellas duas victimas e na sua hora extrema havia-se obrigado a velar por elles. O padre foi então procurar o chefe da força inimiga e pediu-lhe indulto para os dois culpados. O chefe recusou, mas elle, tomando uma attitudo energica e viril disse, com voz firme e arrogante: «Senhor: Eu sou velho, e se precisaes de sangue, aqui está o meu. O d'esses rapazes é ainda vigoroso e poderá ainda

dar forças á terra aonde tiver de correr.» A um tão pungente desafio o chefe militar não ousou responder com um acto de cobardia:—perdoou!

O nosso esclarecido collega de Erte (Estados-Unidos), o «Jornal de Noticias», encetou o sétimo anno de sua publicação, pelo que lhe enviamos mil parabens ao mesmo tempo que lhe desejamos todas as prosperidades, de que é digno.

Falleceu o proprietario e fundador do «Affonso Henriques», periodico catholico que se publica em Lamego.

Damos por isso sentidos pezames a toda a redacção d'aquelle nosso collega, e imploramos as consolações do céo para a familia do finado, porque são as unicas que podem allviar tão grande dor. Aos nossos leitores uma prece pelo soldado valente que acaba de cair sob a bandeira da cruz.

J. DE FREITAS.

BOLETIM DO MONUMENTO

▲

PIO IX, O GRANDE

XLI

Continua a ser espantosamente bem recebido o *Hymno do monumento a Pio IX, o Grande!*

A's portas de Lisboa, no Real Mosteiro de Odivellas tem o Hymno sido tocado aos domingos e dias sanctificados, onde foi muito applaudido, havendo agradado a todas as pessoas que o escutaram. Dizem-nos d'alli que continuará a tocar-se, porque é de um bellissimo effeito.

Em Santarem, no convento das Do-nas, foi tambem tocado e muito apreciado. No convento de Santa Clara da mesma cidade foi tambem tocado e cantado, e tão bem foi recebido que nos mandaram pedir mais exemplares.

Sabemos que varios mestres de musica o tem transportado para banda marcial, e que já por algumas fóra tocado.

Depois da relação que demos em n.º 22 do 5.º anno, das terras onde o Hymno fóra distribuido e tocado, temos a acrescentar mais, as seguintes:

Louzada—Lisboa—S. Thiago de Bougado—Santarem—Cavez—Murtoza—Coimbra—Porto—Mealhada—Oihão—Alcoutim—Aveiro—Celorico da Beira e Santa Martha de Penaguião.

O Hymno e a Imprensa

DO «AFFONSO HENRIQUES», DE LAMEGO

(De 14 de junho de 1883)

«Recebemos da illustrada redacção do jornal o *Progresso Catholico* um exemplar da mimosa composição musical—«Hymno composto para ser tocado nas ruas e praças de Guimarães e no alto da Serra de Santa Catharina no dia 18 de Junho de 1882 por occasião das festas que se fizeram ao ser collocada a 1.ª pedra para o monumento ao immortal Pio IX esse astro brilhante do Pontificado Romano.»

A letra é sublime de expressão, basta dizer-se que é seu autor o eminente catholico e mavioso poeta o sr. dr. João de Lemos Seixas Castello Branco.

A musica não desdiz da letra e revela bem alto os dotes musicaes do R.º Sr. Padre Eugenio da Costa Araujo Motta.

Agradecemos do coração esta mimosa offerta a que damos o valor e merecimento de que é digna.»

Ao collega agradecemos o que ali fica, e aos leitores promettemos ir dando o mais que temos que agradecer á imprensa do paiz.

Segunda subscrição recolhida pela redacção do «Progresso Catholico» para as obras do monumento.

Abbate Theodosio Fernandes d'Araujo, 25000—Um anonymo, 100—R. S. como tributo de amor pelo Santo Pontifice, 15200—Julio Caires Camacho, 15500—Um anonymo, de Lisboa, 500
Somma..... 58300

Transporte do n.º 2 do 6.º anno. 2325655

Somma..... 2378955

Continuaremos com este boletim sempre que tenhamos espaço.

TEIXEIRA DE FREITAS.

OS AMIGOS DO «PROGRESSO CATHOLICO»

NOMES DAS PESSOAS QUE GRANGEAM ASSIGNATURAS PARA ESTA REVISTA

Os Ex.ºs Srs. e as Ex.ºas Srs.ºs:

Padre Antonio Abilio dos Santos.....	2	José Pinto Jou.....	1
Padre Bernardo Antonio Gatta Limão.....	5	Padre Joaquim José Soares.....	1
Antonio Pereira da Costa.....	1	Prior, Pedro José Martins do Ó.....	1